



## OS BRASILEIROS VISTOS PELOS FRANCESES: ANÁLISE DE UM FÓRUM DE DISCUSSÃO NA INTERNET (*routard.com*)

Glória da Ressurreição Abreu França<sup>1</sup>

### Considerações iniciais: processos de identificação no/pelo *ambiente digital*

Michel Pécheux<sup>2</sup> (1982, p.15) nos diz algo que gostaríamos de explorar como linha de reflexão norteadora de nossa análise: “ao repetir o que todos sabem, permite calar o que cada um entende sem o confessar”, seria possível, na materialidade, se ter acesso a esses sentidos *que todo mundo sabe* ou faria isto parte dos sentidos sempre *calados, não-ditos/não formulados*? Com nosso exemplo de análise de alguns efeitos de sentido sobre os brasileiros em um fórum de discussão, pretendemos mostrar o funcionamento da noção de *environnement*<sup>3</sup> desenvolvida por Marie-Anne Paveau (2009, 2012, 2013a/b) em seus trabalhos sobre o discurso digital. Dessa forma, nossa análise do fórum *routard.com* se concentra em aspectos desse universo digital e traz alguns pontos de reflexão que nos inscrevem na perspectiva dos que buscam pensar o fazer do analista quando se trata do discurso enquanto efeito de sentido produzido *on line*. Traremos primeiramente algumas leituras que buscam caracterizar o discurso digital, acompanhadas de um breve histórico de pesquisas que darão um maior sentido aos posicionamentos aqui tomados. Explicitaremos a abordagem *environnementale* utilizada em nossa análise, para em seguida desenvolvermos, a partir dessas considerações teórico/metodológicas, gestos analíticos/interpretativos dos recortes de materialidades *digitais* analisados.

Considerando-se que “toda língua está necessariamente em relação com o “não está”, o “não está mais”, o “ainda não está” e o “nunca estará” da percepção imediata” (Pécheux, 1982, p.8), faz-se necessário um breve desvio que justifique o meio pelo qual chegamos, em nosso trabalho de pesquisa, à necessidade de problematizar o *digital* em sua relação com a ausência que se apresentou em outros ditos: aqueles não-ditos em outros lugares. Em nossa pesquisa de maior âmbito<sup>4</sup>, nos interessamos por processos de identificação/subjetivação do ser brasileiro(a) nos discursos do turismo em materialidades impressa e digital, na França e no Brasil. Deparamo-nos com processos de identificação do ser brasileiro, em específico das mulheres brasileiras, que as identificavam enquanto “prostitutas”, “putas”, “mulheres fáceis”, no fórum de discussão, ao passo que, em um movimento de retorno aos guias impressos apenas encontramos não-ditos, ausência de tais efeitos de sentido, pudemos em um outro

<sup>1</sup> Doutoranda em Linguística – Instituto de Estudos da Linguagem/UNICAMP. Mestra em Linguística pela Universidade Paris 3 – Sorbonne Nouvelle. Membro do grupo de pesquisas *Mulheres em Discurso/CNPq*, coordenado pela prof. Dra. Monica Graciella Zoppi Fontana.

<sup>2</sup> Tal reflexão é desenvolvida sobre o que o autor chama de “fraseologia do discurso-real autoprotetor, nova ‘frase democrática’.

<sup>3</sup> Numa tentativa de tradução para este termo chegamos à “ambiente”, porém nos permitimos oscilar entre utilizá-lo em sua língua de origem e em sua tradução. Mantemos em francês sempre que se tratar da nomeação da abordagem a partir do mesmo, *environnementale*.

<sup>4</sup> Tal projeto de pesquisa é proveniente de nosso trabalho de mestrado (2012) realizado na universidade Paris 3 – Sorbonne Nouvelle, no qual partimos de um *corpus* constituído de dois guias de turismo (o *Guide du Routard* e o *Petit Futé*) e de um fórum de discussão na internet, o *routard.com*.

trabalho<sup>5</sup> analisar tais ausências, que como diz Pécheux, estão “estruturalmente inscritas nas formas linguísticas da negação”. É nesse sentido que trazemos questionamentos passíveis de formulação em vistas desse não-dito alhures, que se mostra dessa forma como um *silêncio tagarela* no caso dos guias e que pudemos traçar no discurso digital. A partir de nossa análise, problematizando os aspectos específicos do ambiente digital, questionamo-nos: haveria algo que se pudesse “traçar”, nesse *ambiente*, que viesse a explicitar seu modo específico de produzir sentido na materialidade digital? O que se apresentaria como “mais audível/visível” nesse processo de leitura/escuta que é o trabalho de análise? Num esforço para pensar essas e muitas outras questões, tracemos um breve histórico de algumas análises dos discursos produzidos na Internet.

Um dos primeiros trabalhos com os quais tivemos contato foi o de Florence Mourlhon-Dallies, que em uma publicação do Carnets du Cediscor<sup>6</sup> tece comentários que podem nos ser úteis em vista de situar algumas propostas teóricas de abordagem do discurso digital. Segundo essa autora (2007, p.17) surgiram primeiramente estudos que procuraram descrever formas novas (discursivas, textuais, linguísticas). Em seguida, uma segunda onda de pesquisas aplicou-se em “identificar nos *corpus* eletrônicos ‘o conhecido’”, segundo suas palavras. Por fim, chegou-se a tentativas de revelar o ‘novo’, que « tornou-se então instrumento de interrogação privilegiado de noções fundadoras de determinadas disciplinas », segundo a autora, o “novo deveria ser pensado” interrogando-se a “escritura digital no que faz sua originalidade”. Numa forma de síntese desses diferentes trabalhos tem-se as análises de Marie-Anne Paveau que nesse movimento propõe uma saída desse dualismo antigo vs. novo e pensa no digital no que lhe é particular. Nesse mesmo sentido, Cristiane Dias (2012) fala de uma nova discursividade, uma “discursividade do eletrônico em seu formato digital” o que aproximamos do dizer de Evandra Grigoletto (2011, p. 51) que, pensando essa diferença, não o considera nem como desvinculado dos espaços empírico ou discursivo, tampouco o considera como um terceiro espaço, ou um novo espaço, mas como um espaço<sup>7</sup>, onde se materializam diferentes discursividades. Acreditamos ser igualmente nesse sentido que Solange Gallo (2007) fala da internet como acontecimento, produzindo novas discursividades.

Todas essas perspectivas elucidam ao mesmo tempo a posição teórica à qual nos filiamos e a deriva de sentidos pela qual chegamos à necessidade de problematizar o digital no seio de nossa pesquisa. Buscando compreender o funcionamento da produção de sentidos sobre o ser brasileiro(a) no discurso do turismo no e pelo universo digital, apresentamos, pois, uma noção que para nós é cara pois teoriza a “materialidade digital” a partir de suas condições de produção: o “ambiente digital”/*environnement*. Dentre os diversos trabalhos em análise do discurso, vemos esta noção como uma possibilidade de se pensar metodologicamente no digital. Sobre os três elementos que constituem o circuito do processo de significação – a constituição, a formulação e a circulação –, segundo Eni Orlandi, tem-se que “os três são afetados nesses momentos de ruptura” (2012, p.70) como é o caso do

<sup>5</sup> Texto publicado nos anais eletrônicos do Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 – Desafios atuais dos feminismos, Florianópolis, 16 a 20 de setembro de 2013.

<sup>6</sup> Publicação do grupo CEDISCOR/Paris 3-Sorbonne Nouvelle, fundado em 1989, por Sophie Moirand, disponível em <http://cediscor.revues.org/index.html>.

<sup>7</sup> Evandra Grigoletto (2011) desenvolve tal reflexão em sua análise a respeito do processo de interlocução, não podendo dar conta de situar toda a questão neste texto guardemos o que a autora afirma a respeito desse virtual enquanto espaço próprio.

discurso eletrônico, para a autora. A partir disso, compreendemos que: o “ambiente de produção dos enunciados é constitutivo de sua descrição, de seu funcionamento e de seu sentido” (PAVEAU, 2013, p.2)<sup>8</sup>, tal definição nos parece dar conta desse espaço discursivo constituído em especial pela Internet, sobretudo na forma como se apresenta hoje na era do Web 2.0<sup>9</sup>. A autora nos oferece a definição do conceito em seu blog sobre tecnologias discursivas:

« environnement » é em teoria do discurso, o conjunto de dados humanos e não humanos no seio dos quais são elaborados. Esses dados concernem todos os domínios de existência : eles são sociais, culturais, históricos, materiais (objetos naturais e artefatos), animais, naturais, etc. (PAVEAU, 2013, Carnet de Recherches *online* - Technodiscours)

Propomos pensá-la discursivamente aproximando-a do que algumas pesquisas já avançaram a respeito. Trazemos assim um postulado teórico/metodológico de que a escolha de se efetuar análises das chamadas materialidades digitais é um gesto teórico cuja problematização é produtiva: eis o que tentamos trazer nesta reflexão. Assim, partimos do postulado, já estabelecido por diversos autores que se interessam por esse objeto, de que a produção de sentidos/constituição de sujeitos é imbricada e possui especificidades quando se leva em conta o digital, não como meio, mas como elemento constitutivo do sentido. Tentaremos aqui propor algumas reflexões, cruzando leituras que se aproximam e se complementam, a partir de recortes de análise. Vejamos como funciona tal noção na análise do nosso objeto de estudo: o fórum do routard.com e suas discussões sobre viagens ao Brasil.

### **O funcionamento do fórum: abordagem ecológica do *routard.com***

Não consideramos que tal noção se oponha ou que suplante à de condições de produção, no que concernem as dimensões históricas ou políticas, dá-se exatamente um enfoque maior aos elementos que compõem esse ambiente cujo funcionamento é constitutivo dos sentidos que nele se produzem. Trata-se, portanto, de um trabalho que dá enfoque a cada um desses elementos tomados em seu conjunto, seguindo dessa forma um movimento de análise já desenvolvido nos trabalhos de Marie-Anne Paveau. Poderíamos considerar tal noção como fornecedora de elementos que nos permitem amplificar a leitura dos diferentes componentes do “ambiente digital”, pois, sendo este de outra ordem, requer algum aporte teórico/metodológico que o formule, que o enxergue tal qual ele se mostra, para além dos sentidos já naturalizados sobre a internet.

Em torno da evidência da liberdade/acessibilidade, por exemplo, tem-se diversas análises que questionam tanto os que dizem que nesse ambiente “pode tudo” quanto os que consideram que o direito tal qual é aplicado na sociedade poderia ser facilmente aplicável na internet. Evandra Grigoletto (2011, p. 52) a respeito de certas evidências de sentido parte do exemplo de sites que requerem senhas para o acesso de seu conteúdo dentre outras informações, o que funciona sob forma de regulação e coerção, segundo esta autora, “afastando-nos da ideia de que na Internet, no espaço virtual, não há controle, que ‘pode tudo’” nesse que ela considera um “espaço de discursividades com

<sup>8</sup> Todas as citações de Marie-Anne Paveau neste texto serão traduções nossas.

<sup>9</sup> O Web 2.0 tal qual explicita Marie Anne Paveau (2012b) : « Além de uma renovação do ponto de vista da plataforma (que existe evidentemente, com mais interação entre usuários e entre usuário e sua própria tela/sua máquina, com por exemplo a aparição das *time lines*, essas informações apareceram mais ou menos a partir de 2004, o que podemos verificar aqui: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Web\\_2.0](http://pt.wikipedia.org/wiki/Web_2.0) ». O fórum que analisamos não põe à disposição dos usuários todos os recursos do web 2.0 atual, porém a forma de interação e o conteúdo colaborativo e partilhado associados ao Web 2.0 atualmente podem ser encontrados já nas versões primeiras de fóruns e listas de discussão.

características próprias”, no qual “a forma como os sujeitos que constituem esse discurso discursivizam os seus dizeres, bem como a forma como são afetados por questões próprias da formação social, é diferente se estamos somente no espaço discursivo ou no espaço virtual”. Segundo a mesma autora, há nuances nessa distinção entre dizeres que circulam nesses diferentes espaços e aqueles que só podem ser materializados no espaço virtual. Marie-Anne Paveau (2013), nesse sentido, estabelece três tipos de digital, sendo o que lhe interessa, e a nós igualmente, o último: aquelas materialidades produzidas *on line* e para tal fim, diferentemente de materialidades pensadas para o ambiente “impresso” e em seguida digitalizadas ou digitadas.

Tendo-se o exposto, poderíamos, por exemplo, citar as referências: à identificação pelo pseudônimo, a outros usuários da comunidade e seus avatares, a discussões, a sites; a existência dos meta-dados: os links e botões clicáveis referentes às redes sociais mais populares, às normas e termos de uso, às condições particulares de uso do fórum, lembretes de que tudo ali pode ser publicado, entre o “opinião pessoal” e a “moderação” dos dizeres (moderador e netiqueta<sup>10</sup>). Todos esses elementos, fazendo sentido permitem que ali dizeres circulem sob essa forma de tensão entre sentidos ‘livremente’ públicos. Esse “privado<sup>11</sup>” que é “publicado” é além de tudo documentável, ou segundo Paveau “materialmente traçável”, sendo então um elemento novo a se levar em conta. Segundo a autora o próprio design da página orienta a leitura, sendo esse *ambiente*, não um lugar de inscrição ou de influência, mas tomado como um conjunto, em sua continuidade. Partindo desse postulado teórico-metodológico de que todos esses elementos devem ser levados em consideração quando se trata da constituição dos sentidos, traremos em seguida a descrição que aqui selecionamos para demonstrar e sobre a qual esboçaremos algumas considerações.

### Materialidades discursivas/digitais

O fórum de discussão se localiza na aba *comunidade* dos *routards*, dentro da aba fórum escolhe-se o país, a temática e pode-se pesquisar discussões já existentes ou formular uma nova pergunta, um novo *post*<sup>12</sup>. Tomando um desses *posts* (localizado na temática “saúde e segurança”), sob o título *Fortaleza?prostituição?* tem-se o seguinte: “Gostaria de saber se é como na Tailândia onde há prostitutas em todos os cantos? E apesar disso passar boas férias?”. Destacamos primeiramente o que consideramos ser uma determinada regularidade nesse funcionamento (linguístico-discursivo) que nega a prostituição para em, seguida reafirmá-la “parcialmente”, pelo uso de concessivas, adversativas ou eufemismos: “um funcionamento pelo *mas*”. Tem-se além disso um “já-dito” de que há prostituição, a partir do qual põe-se em circulação o sentido do “apesar disso”. Haveria nesse *isso* apenas uma



<sup>10</sup> Dentre esses “documentos” citamos aqui o “Manual de Instrução” de uso do fórum

[http://www.routard.com/comm\\_forum\\_mode\\_emploi.asp](http://www.routard.com/comm_forum_mode_emploi.asp); “Termos e política de uso” [http://www.routard.com/comm\\_forum\\_charte.asp](http://www.routard.com/comm_forum_charte.asp); a “netiqueta” <http://pt.wikipedia.org/wiki/Netiqueta>.

<sup>11</sup> Fazemos aqui um uso superficial/banal dos termos “público” e “privado”, o uso dos mesmo faz-se a partir do que se encontra nas próprias condições de uso do fórum, no qual se chama a atenção para o fato do conteúdo ser de acesso público, e ser ao mesmo tempo a opinião pessoal de cada usuário pela qual o site não se responsabiliza.

<sup>12</sup> Traremos em itálico, além dos termos específicos do fórum, todas as materialidades que iremos descrever/analisar, sublinhando as seqüências mais importantes para a reflexão.

referência à prostituição ou haveriam outros sentidos aí inscritos?, perguntando-nos o que aí persiste em não ser dito, tomemos algumas outras materialidades. Se o *post* inicial foi identificado enquanto pergunta sobre a existência de prostitutas em fortaleza, existência esta que é *infecta*, segundo outro usuário, e veremos o quanto isso se estende à ideia do Brasil como um *imenso bordel*, um usuário na interação entre a pergunta e outros comentários, identifica a discussão dando-lhe outro título: *meia-prostituição*, assim como teremos a seguir um outro intitulado *turismo sexual*.

O funcionamento dessa negação/afirmação parcial poderia nos indicar alguma via de compreensão. Por exemplo, o que aqui nos chama a atenção é a formulação *“a demanda criava uma oferta de brasileiras que não queriam se assumir putas mas viviam ainda assim de seus charmes”*.



Temos, aí surtindo efeito a formulação do “mas”, ou seja é *mas pode ter boas férias*, ou ainda, *não são putas mas vivem de seus charmes*, ou em outro comentário *“essas meninas que vivem de seu corpo sem o anunciar diretamente”*. Há uma profusa circulação de sentidos entre os que

identificam (e se identificam com) o país enquanto rota do turismo sexual e aqueles que fazem somente um movimento de contra-identificação reafirmando esse sentido para o Brasil e para o(a)s brasileiro(a)s. Percebemos uma circulação do sentido que oscila entre o que empiricamente se chama “politicamente correto” (espaço público) e as “confissões” do espaço privado, há os que se representam nessa postura de “defesa da imagem do país” ao mesmo tempo em que fala-se do *imenso bordel a céu aberto, cheio de piranhas*, em que se diz que *“passar dias e dias em determinados lugares é buscar determinados prazeres, não adianta de nada negar”*. Tem-se repetidamente esse sentido *daquilo que todo mundo sabe*, mas que, por ter-se o “anonimato” e demais efeitos do digital, “é dito mesmo assim”<sup>13</sup>. Inverte-se aquele sentido dos não-ditos, que *cada um cala*, o “politicamente incorreto” se vê formulado e *materialmente traçável*. Essa oscilação, esses sentidos em presença, são muitas vezes apontados pelos próprios usuários, é recorrente que discussões derivem muito facilmente para debates acalorados, assim temos um usuário que reformula a questão inicial no título de seu comentário *“apesar disso? Ou graças a isso?”* e que partindo da “evidência” formula: *“Fortaleza é uma cidade brasileira, logo há prostituídas...porque há gringos clientes”* e que prossegue dando um conselho, aquele que se daria “entre amigos” (?): *“se você cair em tentação peça os papéis da mocinha (as vezes elas parecem ter 20 mas só tem 15)”*. São discutidas portas de entrada, cidades em que *aviões cheios de gringos desembarcam sem precisar passar pela polícia federal*, aconselha-se: *“não se apaixonem, isso pode lhe custar muito caro”*. O funcionamento do “mas” poderia ser prosseguido, porem encerramos estas algumas poucas descrições com um último exemplo dessa produção/circulação constituída no/pelo digital e sua “confusão intrínseca” entre o “público” e o “privado”: *“eu não sou um amante/amador de putas, mas um viajante solteiro, que ama festas e sensível ao charme feminino”*. Não se trata de putas mas de *charme* feminino. Pela negação tem-se a presença desses sentidos que circulam identificando as mulheres brasileiras não somente a prostitutas,

<sup>13</sup> Vemos aí uma possibilidade de reflexão que gostaríamos de desenvolver a partir do que Lauro Baldini (“Cinismo, Discurso e Ideologia”, anais SEAD 2009) tem chamado de “cinismo” com relação a esse pensamento norteador sobre a *repetição do que todo mundo sabe e que permite calar o que cada um entende sem o confessar*, que no digital seria *confessável*.



putas mas igualmente *a mulheres fáceis, charmosas e que vivem de seus charmes*. Nesse nosso gesto de análise/interpretação tentaremos esboçar algumas questões e linhas de reflexão sobre a produção/circulação de sentidos no/pelo digital.

### **Efeitos de sentido no/pelo ambiente digital**

Esse deslocamento sobre a produção de sentidos imbricado nessa rede digital nos permitiu partir de nossa pergunta inicial sobre identidades dos brasileiros no discurso do turismo na França e chegar pela análise e pela abordagem teórica a essa questão teórica/política que se formula de uma outra forma, tocando assim a questão do turismo sexual, dentre outras questões. Poderíamos ensaiar um gesto de interpretação que só pode tomar a forma de questionamento: seria essa “fala rebelde” um lugar privilegiado para a observação de tal circulação de sentidos, tais efeitos de sentido seriam mais “facilmente visíveis” nesse espaço dito público no qual circulam sentidos do “meio privado”? Para além do sentido do “se pode dizer tudo” haveria aqui algo que influenciaria essa circulação de sentido e que poderia ser “traçável” nessa abordagem *environnementale*? Seria possível formular-se algo a respeito desse “público”/“privado” enquanto aproximações sobre o modo de funcionamento do dito “politicamente correto”/e sentidos “confessados”, aqueles sentidos negados *mas* reafirmados? Sendo assim, e apostando que tais explorações iniciais teórico-metodológicas em nossa análise apenas foi possível de ser tecido a partir da problematização do “universo digital”, encerramos com a reflexão sobre a relação (da análise) do discurso com sua exterioridade constitutiva, que vemos aqui ser tocada. Para dar conta desse deslocamento, tem-se uma outra formulação na cadeia significante de nossa pergunta de pesquisa, tomando em consideração as questões de sexo/identidade de gênero: falamos então em “brasileiros e brasileiras”. Constituir um corpus do qual façam parte discursos produzidos em diferentes materialidades é uma escolha teórica que é acompanhada de um exercício político. Por mais “insuportável” que seja dialogar com isso, perguntar-se hoje, sobre um discurso do turismo sobre o Brasil, na Internet, é falar de Brasil enquanto rota do turismo sexual e da presença de um discurso que passa pelas questões de gênero. Tomadas de posição teóricas e políticas nesse mundo que não “cessa de se dividir em dois”. Fazer teoria e fazer política não se separam, para retomar os dizeres de Pécheux.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- DIAS, C. *Sujeito, sociedade e tecnologia: a discursividade na rede (de sentidos)*. São Paulo: Hucitec Editora, 2012.
- GRIGOLETTO, E. O discurso nos Ambientes Virtuais de Aprendizagem: entre a interação e a interlocução. In: Grigoletto, E. De Nardi, F.S., Schons, C.R. (orgs). *Discursos em Rede*. Práticas de (re)produção, movimentos de resistência e constituição de subjetividades no ciberespaço. UFPE, 2011.
- ORLANDI, E. *Discurso em análise: Sujeito, Sentido e Ideologia*. Campinas: Pontes Editores, 2012.
- PAVEAU, M-A. « Chronique « linguistique ». Peut-on dire n'importe quoi ? Langage et morale », *Le Français aujourd'hui*, 2009/4 n° 167, p. 105-113. DOI : 10.3917/lfa.167.0105 Article disponible en ligne à l'adresse : <http://www.cairn.info/revue-le-francais-aujourd-hui-2009-4-page-105.htm>
- \_\_\_\_\_. « Activités langagières et technologie discursive. L'exemple de Twitter », *La pensée du discours*, 27.02.2012, <http://penseedudiscours.hypotheses.org/8338>, consultado em 02/04/2012.
- \_\_\_\_\_. “*Environnement*”, *Technologies discursives* [Carnet de recherche], Publicado em 21 janvier 2013, <http://technodiscours.hypotheses.org/?p=311>, consultado em 10/09/2013



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
VI SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO  
1983 - 2013 – Michel Pécheux: 30 anos de uma presença  
Porto Alegre, de 15 a 18 de outubro de 2013

- \_\_\_\_\_. Genre de discours et technologie discursive. Tweet, twittécriture et twittérature. In : Liénard, F. (2013, coord.) *Culture, identity and digital writing*, Epistémè 9, Revue internationale de sciences humaines et sociales appliquées, Séoul : Université Korea – Center for Applied Cultural Studies, 432 pages. Disponível em <http://hal.archives-ouvertes.fr/hal-00824817>. 2013b.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Orlandi 4ª Ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009(1988/1975).
- \_\_\_\_\_. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni Orlandi. 6ª Ed. Campinas: Pontes Editores, 2012 (1983).
- \_\_\_\_\_. Delimitações, Inversões, Deslocamentos. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas: UNICAMP/IEL, v. 19, p. 7-24, (1982)1990